


A diagnose de traços graduais em redações escolares e a importância da pedagogia da variação linguística


The diagnosis of gradual traits in school essays and the importance of the pedagogy of linguistic variation

El diagnóstico de los rasgos graduales en los ensayos escolares y la importancia de la pedagogía de la variación lingüística

Marcus Garcia de Sene¹

 0000-0002-2715-5294

Juliana Bertucci Barbosa²

 0000-0002-1510-633X

RESUMO: O presente artigo objetiva diagnosticar traços graduais nas redações escolares de alunos do Ensino Fundamental II, com base no que orienta Bortoni-Ricardo (2005) e adaptado por Sene (2018). Para isso, o *corpus* desta pesquisa foi composto de 56 redações de três diferentes escolas da cidade de Araraquara (São Paulo), totalizando 168 textos. Os desvios foram organizados em dois grupos: o primeiro decorrente da própria natureza arbitrária do sistema de convenções da escrita e o segundo aqueles que são decorrentes de hábitos da fala para a escrita. Os dados foram interpretados à luz da sociolinguística educacional (Bortoni-Ricardo, 2005), de processos fonológicos (Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão, 2011) e da pedagogia da variação linguística (Faraco, 2008). Foi possível refletir sobre como os desvios ortográficos são pistas linguísticas importantes para o reconhecimento da competência sociolinguística do aluno, sem contar que atuam como pistas de aprendizagem, dado que, a depender do desvio ortográfico apresentado, este pode ser ou não reflexo de uso variável gradual, ou descontínuo. A partir desse reconhecimento, o professor pode mobilizar um conhecimento necessário para que o aluno supere suas dificuldades ortográficas, além de depreender de que modo a pedagogia da variação linguística é o melhor caminho para um ensino de língua reflexivo e consciente.

PALAVRAS-CHAVE: Traços graduais; Sociolinguística Educacional; Pedagogia da variação linguística.

¹ Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista – Júlio de Mesquita Filho (UNESP/Araraquara). Professor Adjunto do Departamento de Linguística e Práticas de Ensino da Universidade de Pernambuco (UPE/Garanhuns). É professor permanente do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) | Campus Garanhuns. E-mail: marcus.sene@upe.br

² Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista – Júlio de Mesquita Filho (UNESP/Araraquara). É professora Associada do Departamento de Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM-Uberaba) e professora permanente do Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da UFTM. Bolsista Produtividade CNPq PQ-2. E-mail: juliana.barbosa@uftm.edu.br

ABSTRACT: This article aims to diagnose gradual traits in the school essays of Elementary School II students, based on what Bortoni-Ricardo (2005) guides and adapted by Sene (2018). To achieve this, the corpus of this research was composed of 56 essays from three different schools in the city of Araraquara (São Paulo), totaling 168 texts. The deviations were organized into two groups: the first resulting from the arbitrary nature of the system of writing conventions and the second those resulting from speech-to-writing habits. The data were interpreted in the light of educational sociolinguistics (Bortoni-Ricardo, 2005), phonological processes (Seara, Nunes and Lazzarotto-Volcão, 2011), and the pedagogy of linguistic variation (Faraco, 2008). It was possible to reflect on how spelling deviations are important linguistic clues for recognizing the student's sociolinguistic competence, not to mention that they act as learning clues, given that, depending on the spelling deviation presented, this may or may not reflect gradual variable use or discontinuous. From this recognition, the teacher can mobilize the knowledge necessary for the student to overcome their spelling difficulties, in addition to understanding how the pedagogy of linguistic variation is the best path to reflective and conscious language teaching.

KEYWORDS: gradual traits; educational sociolinguistics; pedagogy of linguistic variation.

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo diagnosticar rasgos graduales en los ensayos escolares de estudiantes de Educación Primaria II, con base en lo orientado por Bortoni-Ricardo (2005) y adaptado por Sene (2018). Para lograr esto, el corpus de esta investigación estuvo compuesto por 56 ensayos de tres escuelas diferentes de la ciudad de Araraquara (São Paulo), totalizando 168 textos. Las desviaciones se organizaron en dos grupos: los primeros resultantes de la naturaleza arbitraria del sistema de convenciones de escritura y los segundos resultantes de los hábitos de habla a escritura. Los datos fueron interpretados a la luz de la sociolingüística educativa (Bortoni-Ricardo, 2005), los procesos fonológicos (Seara, Nunes y Lazzarotto-Volcão, 2011) y la pedagogía de la variación lingüística (Faraco, 2008). Se pudo reflexionar sobre cómo las desviaciones ortográficas son pistas lingüísticas importantes para el reconocimiento de la competencia sociolingüística del estudiante, sin mencionar que actúan como pistas de aprendizaje, dado que, dependiendo del desvío ortográfico que se presente, esta puede ser o no un reflejo de una gradual Uso variable o discontinuo. A partir de este reconocimiento, el docente puede movilizar los conocimientos necesarios para que el alumno supere sus dificultades ortográficas, además de comprender cómo la pedagogía de la variación lingüística es el mejor camino hacia la enseñanza reflexiva y consciente de la lengua.

PALABRAS CLAVE: Rasgos graduales; Sociolingüística Educativa; Pedagogía de la variación lingüística.

Introdução

No que tange ao componente de língua portuguesa, sabe-se que a atual Base Nacional Comum Curricular, no ensino fundamental II, propõe a não centralidade do ensino de gramática normativa na escola, já que alvitra fomentar reflexões “sobre os fenômenos da mudança linguística e da variação linguística, inerentes a qualquer sistema linguístico, e que podem ser observados em quaisquer níveis de análise” (Brasil, 2018). De modo geral, o documento em questão conjectura promover competências e habilidades que permitam ao aluno refletir sobre usos linguísticos para além das regras, o que o tornaria, então, sujeito crítico e reflexivo na sociedade atual. No entanto, o

desafio ainda é compreender que a variação linguística não é um único **tópico** a ser trabalhado em um momento específico do período escolar, ao invés disso a variação deve ser assumida como uma ‘lente’ para ‘enxergar’ as práticas de linguagem (Brandão, Biazolli, Sene, 2020), uma vez que, por ser inerente à língua, perpassa todas as esferas e componentes curriculares.

A própria BNCC, no Ensino Fundamental II, apresenta alguns avanços no que se refere ao tratamento da variação linguística, já que endossa a importância do reconhecimento das variedades linguísticas em todos os anos do fundamental, além de reconhecer a legitimidade do uso consciente e reflexivo de regras e de normas delineadas pela modalidade padrão prescrita pela gramática em situações de fala e de escrita – como é o caso das habilidades EF69LP55³ e EF69LP56⁴. Porém, mesmo com esse avanço, reconhecer a variação linguística como um processo que perpassa a todos os âmbitos seria fundamental para um trabalho mais consciente no que concerne, por exemplo, ao ensino de escrita e de oralidade.

Muitas pesquisas já atestam que “quando a oralidade chega à escrita” (Sene, Barbosa, 2019), muitos dos desvios ortográficos de natureza fonológica que são identificados refletem processos linguísticos variáveis (Baronas, 2009; Sene, 2018; Moreira, 2018; Sene, Barbosa, 2019; Sene, Sandes, 2020). Sendo assim, é de fundamental importância que esses fenômenos variáveis sejam identificados e incorporados adequadamente nas práticas pedagógicas dos docentes, dado que são pistas sociolinguísticas importantes acerca do conhecimento do aluno sobre a própria escrita, além de dar pistas a respeito de sua variedade linguística.

É importante destacar que os processos linguísticos variáveis, os quais aparecem nas produções escritas, são capazes de nos revelar o conhecimento que o aluno tem sobre a língua, especialmente quando estão diante de alguma dificuldade no que se refere à ortografia – por isso a importância de identificá-los adequadamente. Isso porque os aprendizes buscam na oralidade (e em suas variedades) modos de representar as dificuldades que encontram na modalidade escrita (Sene, Barbosa, 2019). Grande parte

³ EF69LP55: Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico

⁴ EF69LP56: Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada.

dos desvios ortográficos em questão acabam refletindo aquilo que Bortoni-Ricardo (2004) chama de traços linguísticos graduais, pois são aqueles que, embora não estejam de acordo com a norma culta da língua, estão presentes em todo o contínuo de urbanização, ou seja, estão no falar da maioria dos brasileiros, independentemente se esses têm origens rurais ou urbanas.

Esses traços graduais, por perpassarem todos os falares brasileiros, independentemente de suas origens, precisam ser apreendidos de modo que os professores sejam capazes de mobilizá-los com vistas a expandir a competência escrita dos aprendizes. Vale lembrar que uma coisa é a regra do jogo (a gramática/ a ortografia), outra coisa é o jogo em si (o uso da língua). Saber a regra do jogo não lhe faz um bom jogador, agora a junção entre a experiência do jogo (o uso da língua) e a regra dele (ortografia/gramática), o habilita a ser um jogador mais competente, com um certo diferencial. Para que isso seja possível, é imperioso considerar o desenvolvimento de uma pedagogia da variação linguística (Faraco, 2008), já que ela parte do reconhecimento e legitimação da variação linguística para então propor ao aluno a apreensão de outras normas linguísticas disponíveis, tal como a norma-padrão.

Sendo assim, este trabalho almeja ampliar a visão da variação linguística para além dos tópicos já mencionados quando se propõe a investigar e diagnosticar os traços graduais presentes na produção escrita de alunos do 6º ano de três escolas públicas de Araraquara – São Paulo. Os dados são retirados do *corpus* construído por Sene (2018) e que compõem o projeto “O ensino de Língua Portuguesa e a relação oralidade e escrita”. Essas escolas foram escolhidas a partir do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), sendo a primeira delas de nível mais alto, a segunda intermediária, enquanto a terceira de nível baixo. Além disso, objetiva-se promover uma reflexão sobre de que modo as bases da pedagogia da variação linguística (Faraco, 2008, 2020) podem auxiliar os alunos a alcançar normas linguísticas mais prestigiadas.

Por que desvios e não erros ortográficos?

A escrita pode ser um dos maiores desafios e causa de inúmeras frustrações na vida escolar dos alunados, dado que ao escreverem é recorrente que muitas dúvidas sobre a representação gráfica surjam e, conseqüentemente, nem sempre essas dúvidas

são fáceis de serem sanadas. A esse respeito, Cagliari (1999) escreve que:

À medida que os alunos vão aprendendo a escrever mais e mais palavras ortograficamente, vão percebendo que as relações entre letras e sons podem deixá-los na dúvida diante da escrita de certas palavras, justamente porque a pronúncia das palavras por si só não é suficiente para se chegar às formas ortográficas (Cagliari, 1999, p. 73).

Essas dificuldades são comuns, pois a ortografia, como bem esclarece Cagliari (1999), passa a ser um problema na medida em que o indivíduo se encontra em dúvida sobre qual a relação apropriada entre som (fonema) e letra (grafema). Sendo assim, o professor deve ser atencioso ao categorizar os “problemas” de ortografia encontrados nas produções escritas dos educandos, já que eles representam estágios diferentes de aprendizagem ou mesmo estratégias e hipóteses das quais os estudantes fazem uso para se orientarem quando estão aprendendo a modalidade escrita.

Muitos dos desvios ortográficos que os professores encontrarão no espaço escolar e nas produções escritas refletem a capacidade que os alunos têm de realizarem análises sonoras dos fonemas que tentam representar por meio da escrita. Com isso, o fato de que o aluno não apresenta a ortografia correta de uma palavra não indica que ele está ‘errando’ a sua própria língua, mas sim está criando um ‘desvio’ do padrão esperado pela normatização ortográfica, a qual é convencionalizada historicamente. Quando se defende a ideia de erro de ortografia, é recorrente que, junto a ela, esteja uma noção muito rígida sobre a língua, por isso a Sociolinguística Educacional, por exemplo, advoga em favor do desvio.

Ao optar pelo termo ‘erro ortográfico’, a língua é concebida como um sistema de regras gramaticais e ortográficas em que o indivíduo só tem duas possibilidades: o erro ou o acerto – e é essa visão homogênea que os professores devem combater. Neste combate, a ortografia tem um lugar especial, visto que é sobre ela que recai grande parte das avaliações negativas e taxativas sobre certo e errado. Logo, considerando que a aprendizagem da ortografia é gradual e perpassa todas as fases escolares (Bortoni-Ricardo, 2006), é quase inevitável que o alunado apresente diferentes tipos de desvios ao longo de sua formação escolar. Quando esse fenômeno é analisado pela ótica do ‘erro ortográfico’, pode gerar certos traumas durante a dolorosa tarefa que é aprender a modalidade escrita.

Tendo isso em vista, o profissional da linguagem, que se alinha a uma visão de língua heterogênea, sistemática e ordenada (Labov, 1972), compreende que a representação dos desvios ortográficos são formas possíveis dentro do sistema linguístico (Sene, Barbosa, 2019), mesmo que isso represente um desacordo com as normas ortográficas. Afinal, existem, de acordo com Bortoni-Ricardo (2005) e adaptado por Sene (2018), dois tipos de desvios ortográficos⁵, aqueles que são motivados da própria natureza arbitrária do sistema de convenção da escrita (Tipo I) e aqueles que são decorrentes da transposição dos hábitos da fala para a escrita (Tipo II).

Embora ambos sejam de naturezas diferentes, quando devidamente analisados, refletem possibilidades factíveis dentro do sistema linguístico, o que reforça a ideia de que o discente não está errando a própria língua, mas buscando a melhor tentativa para se adequar ao que se espera da padronização ortográfica – e isso leva ao desvio ortográfico. Sendo assim, estes desvios são, então, hipóteses criativas desenvolvidas pelos alunos e manifestadas nas produções textuais na tentativa de representar adequadamente a forma padrão convencionada de uma determinada palavra.

Figura 1 – Representação abstrata do sistema linguístico



Fonte: os autores

⁵ A rigor, Bortoni-Ricardo (2005) não usa a terminologia de desvios e nem resume os tipos de desvios ortográficos em Tipo I e Tipo II. Na proposta original, os desvios que aqui são conhecidos como do Tipo II segmentam-se em três níveis. A proposta de reuni-los dois grandes grupos, além de trocar a terminologia, é de Sene (2018), que faz algumas adaptações ao modelo de diagnose da pesquisadora. Mais informações sobre essas adaptações estão descritas na seção de Decisões metodológicas.

A Figura 1 representa a questão do sistema linguístico que é responsável pela tão almejada funcionalidade da comunicação humana, ou seja, enquanto as modalidades da escrita e da fala são funcionais, práticas e responsáveis por materializar a comunicação em si; o sistema é quem indica quais são os elementos que permitem essa funcionalidade. O sistema guarda os mecanismos subjacentes ao percurso que vai da invariância – que é a totalidade do sistema – ao máximo grau de variação tanto da fala quanto da escrita. Nesse sentido, o sistema dá conta de todas as possibilidades da língua e regula o seu funcionamento e esta é a justificativa deste trabalho se alinhar ao uso de ‘desvio’ e não ‘erro’ para dar conta dos deslizes produzidos pelos alunos.

No que concerne aos desvios ortográficos, como anteriormente mencionado, todas as possibilidades que aparecem no texto do aluno estão previstas pelo sistema. Não são escolhas idiossincráticas. A título de exemplo, pode-se observar aqueles desvios que representam um conhecimento impreciso das convenções que regem a escrita ou desvios do Tipo I (Bortoni-Ricardo, 2005; Sene 2018), a saber: ‘xícara’ e ‘táxi’. No caso em questão, a letra ‘x’ pode ter realização fonética diferente a depender da palavra, o que revela uma relação plurívoca entre fonema e letra.

Embora se tenha claro que a relação entre som e letra não é biunívoca, ou seja, nem sempre vai haver um símbolo alfabético para representar um único som e vice-versa (Cagliari, 1999), é imprescindível reconhecer que quando o aluno troca o ‘x’ de xícara por ‘ch’ (chícara), ele acaba trazendo uma pista sobre a sua aprendizagem, dado que outras palavras que são redigidas com ‘ch’, como em ‘chocolate’, tem o mesmo som de [ʃ]. Mesmo representando uma forma não convencional, ‘chícara’ é uma possibilidade dentro do sistema que o aluno tem a sua disposição. Com isso, a dificuldade não está na apreensão do código, mas na memorização da regra, pois não existe uma regra ou princípio que justifique o uso de uma determinada letra e não outra.

Os desvios do Tipo II, que são reflexos dos hábitos da fala para escrita, também são bons exemplos para mostrar como o aluno testa hipóteses que estão dentro do sistema linguístico. Um dos desvios mais recorrentes desta natureza é a monotongação do /ow/ como em ‘oro’ ao invés de ‘ouro’. Quando o aluno faz o apagamento do glide /w/, preservando a vogal /o/, ele faz a retirada exatamente daquele único elemento que não

prejudicaria a inteligibilidade da palavra. Isso porque a palavra ‘oro’ não causa nenhum ruído de comunicação, diferente se o desvio ortográfico fosse ‘uro’ ou ‘ouo’. Qualquer que seja o outro elemento apagado na palavra, atrapalharia, em demasia, a comunicação escrita do educando, uma vez que ele não estaria se utilizando de algo possível dentro do sistema linguístico. Em contrapartida, ‘oro’ é algo plausível de ocorrer no sistema, pois por ser este um desvio motivado pela fala, nela é recorrente o aparecimento de formas monotongadas, como é o caso em ‘oro’ (ouro), ‘coro’ (couro), ‘caxa’ (caixa), ‘peixe’ (peixe) (Sene, 2023).

Todos esses desvios representam mais do que hábitos da fala para a escrita, estes são fenômenos fonológicos variáveis recorrentes no Português Brasileiro – e, por sua recorrência, conhecidos como traços graduais (Bortoni-Ricardo, 2004, 2005). Por serem, então, fenômenos em variação, este conteúdo deveria ser ensinado para além de um simples **tópico** dentro do trabalho com as práticas de linguagem. Um olhar sociolinguístico é crucial para o reconhecimento dos desvios do Tipo II, visto que são eles que fornecem pistas sobre a competência comunicativa do aluno e permitem que o professor parta do que o aluno já domina (a sua fala e variedade) e chegue ao conhecimento do padrão esperado pela escola – que neste caso é o reconhecimento adequado da convenção ortográfica (Sene, Barbosa, 2019).

Esse conhecimento é extremamente relevante para que o professor e o discente não promulguem uma visão de língua homogênea, fechada e sem variação. O trabalho com a variação linguística, na superação dos deslizos de ortografia, é uma forma de construir uma pedagogia culturalmente sensível (Erickson, 1987) e reduzir o preconceito linguístico. Além disso, é considerando a referida pedagogia que este trabalho defende não só a troca da nomenclatura de ‘erro’ ortográfico para ‘desvio’, bem como a mudança no modo como esses desvios serão diagnosticados e mobilizados pelos professores. Como se pode observar, os desvios, quando encarados como hipóteses criativas, são rupturas da norma idealmente convencionada e esperada pelo ambiente escolar, mas não são uma ruptura do sistema linguístico em si, todos os deslizos dos alunos estão previstos, de certa forma, nas regras subjacentes deste sistema, isso porque ele “é um código aberto, dotado de produtividade” (Lopes, 2007, p. 70). Sobre este aspecto, Bagno (1999, p. 72) completa que:

[...] tudo aquilo que é classificado tradicionalmente de “erro” tem uma explicação científica perfeitamente demonstrável. A noção de erro em língua é inaceitável dentro de uma abordagem científica dos fenômenos da língua. Afinal, nenhuma ciência pode considerar a existência de erros em seu objeto de estudo.

Reitera-se, então, que estes deslizes não são aleatórios, uma vez que podem ser explicados cientificamente e interpretados considerando a natureza do nosso sistema de escrita, as convenções que regem a norma ortográfica com suas regularidades e irregularidades (Carragher, 1990) e os hábitos da fala para escrita que materializam os fenômenos linguísticos variáveis (Bortoni-Ricardo, 2005).

Decisões metodológicas

Os dados analisados foram retirados da pesquisa de Sene (2018). O *corpus* foi composto de 56 redações de três diferentes escolas da cidade de Araraquara (São Paulo), totalizando 168 textos. Os informantes eram alunos do 6º ano do Ensino Fundamental II e o critério de definição das escolas que participaram da pesquisa foi o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB)⁶. Dentre os objetivos da pesquisa de Sene (2018), um deles envolvia a testagem se o IDEB poderia influenciar na quantidade de desvios diagnosticados em cada escola, ou seja, uma escola de IDEB maior implicaria em um baixo número de desvios ortográficos em comparação com as demais escolas que compõem o *corpus*. Sendo assim, a primeira escola em que os dados foram coletados (Escola A) era a com o maior índice, enquanto a Escola B e C eram a de médio e menor índice, respectivamente. Também se coletou o perfil social dos alunos que produziram as redações: sexo, idade, além de outras informações sobre a frequência de leitura e se gostam ou não de Língua Portuguesa.

Todos os dados foram organizados no *Excel* e analisados com auxílio da linguagem de programação R (CORE TEAM, 2020)⁷. Todos os participantes foram anonimizados com códigos compostos por letras e números. O *corpus* constituído no âmbito da pesquisa do referido pesquisador compõe um projeto maior coordenado pela

⁶ O IDEB é um indicador criado pelo governo federal para medir a qualidade do ensino nas escolas públicas.

⁷ Para a execução da pesquisa, o projeto foi submetido à apreciação do Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) e recebeu a aprovação cujo CAAE é 57486916.0.0000.5400.

Profa. Dra. Juliana Bertucci Barbosa cujo título é “Ensino de Língua Portuguesa e a relação entre a oralidade e a escrita”. Os desvios ortográficos identificados nas redações dos alunos foram separados em dois grupos, conforme proposta de Bortoni-Ricardo (2005) acima mencionada, e adaptada por Sene (2018). A proposição inicial de Bortoni-Ricardo (2005) consistia em diagnosticar os desvios da seguinte maneira:

Figura 2 – Modelo de diagnose dos desvios ortográficos

1. Erros decorrentes da própria natureza arbitrária do sistema convenções da escrita	
2. Erros decorrentes da interferência de regras fonológicas categóricas ao dialeto estudado.	Erros decorrentes da transposição dos hábitos da fala para a escrita
3. Erros decorrentes da interferência de regras fonológicas variáveis graduais	
4. Erros decorrentes das interferências de regras fonológicas variáveis descontínuas	

Fonte: Bortoni-Ricardo (2005, p. 54)

O modelo de diagnose de Sene (2018) adapta a proposta da autora em duas direções: (i) a alteração da nomenclatura utilizada de erros para desvios e (ii) amalgama os desvios cujas regras fonológicas são categóricas ao dialeto estudado com aqueles em que as regras fonológicas são variáveis graduais. Isso porque a definição central de traços graduais envolve, em resumo, fenômenos variáveis que se espalham em todo o contínuo de urbanização, independente se esses têm origens rurais ou urbanas (Bortoni-Ricardo, 2004). Logo, se uma regra fonológica é categórica diante de um dialeto em questão, isso implica dizer que ele estará presente, também, em todo o contínuo de urbanização, tal como os fenômenos graduais. Um exemplo de desvios que se explica devido à regra fonológica categórica é, de acordo com Bortoni-Ricardo (2005, p. 55), “vocábulo fonológicos constituídos de duas ou mais formas livres ou dependentes (Câmara-Jr, 1977, p. 59-60) grafados como um único vocábulo formal”, a saber: ‘uque’ (o que), ‘levalo’ (levá-lo) e ‘janotei’ (já anotei).

Tendo isso em vista, o modelo de diagnose de Sene (2018) é proposto em apenas dois grandes grupos, o primeiro decorrente da própria natureza arbitrária do sistema de

convenções da escrita, cujo nome dado é desvios do Tipo I, enquanto aqueles que são decorrentes de hábitos da fala para a escrita são os do Tipo II.

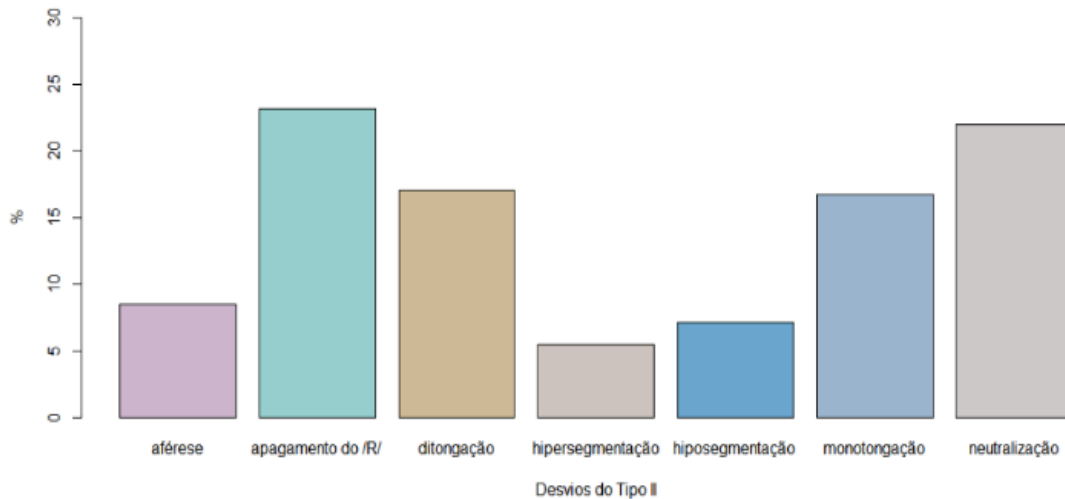
Figura 3 – Modelo de diagnose dos desvios ortográficos de Sene (2018) adaptado de Bortoni-Ricardo (2005)

Desvios do Tipo 1	Desvios decorrentes da própria natureza arbitrária do sistema de convenções da escrita.
Desvios do Tipo 2	Desvios decorrentes da transposição dos hábitos da fala para a escrita.

Fonte: Sene (2018, p. 87)

Considerando a proposição inicial, inclui-se, então, nos desvios do Tipo II aqueles em que as regras fonológicas são graduais e descontínuas⁸. Para este artigo, apenas será apresentada a diagnose dos desvios do Tipo II, mais especificamente aqueles que representam traços graduais e categóricos. A Figura 4 representa os desvios encontrados nas 168 redações e sua respectiva porcentagem.

Figura 4 – Desvios ortográficos graduais recorrentes no *corpus*⁹



Fonte: os autores

Os referidos desvios são rotulados a partir da classificação de processos

⁸ Traços linguísticos descontínuos são privativos de variedades rurais e/ou submetidos a forte avaliação negativa (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 57)

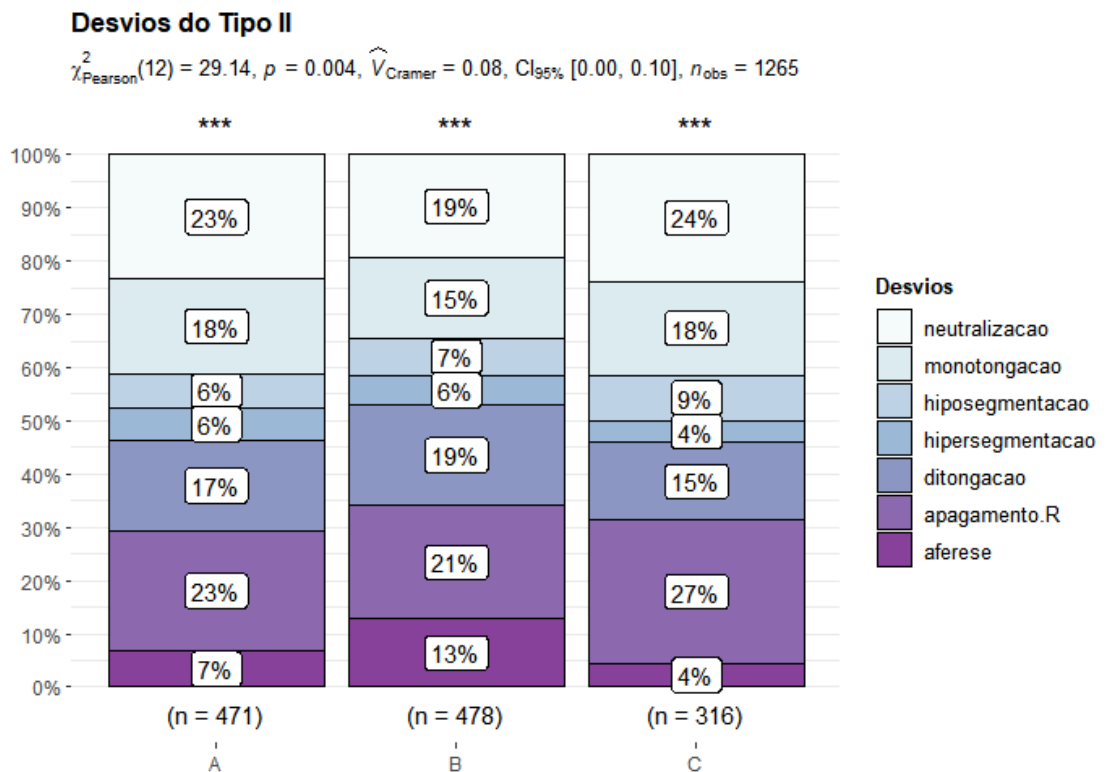
⁹ A hipo e hipersegmentação representam a segmentação das palavras e não são necessariamente um traço gradual, por isso estes não serão analisados neste artigo.

fonético-fonológicos com base nos seguintes autores: Cagliari (2002), Bortoni-Ricardo (2005), Seara, Nunes e Lazzarotto-Volcão (2011) e Mikaela-Roberto (2016). Tais processos são, portanto, explicados por regras fonológicas específicas, mas aqui analisados como representantes de fenômenos variáveis graduais do Português Brasileiro.

Análise dos dados

Na seção metodológica foi apresentada a proporção geral dos desvios do Tipo II diagnosticados nas produções escolares. Entre os desvios que representam traços graduais mais frequentes, tem-se: o apagamento do /R/ em verbos no infinitivo, a neutralização, a ditongação, a monotongação e a aférese. Esses cinco desvios foram os mais recorrentes em todo o *corpus* conforme Figura 4. Considerando que as escolas foram separadas de acordo com o IDEB, sendo a Escola A de maior índice, enquanto a B e C médio e menor índice, respectivamente, o próximo passo é verificar se existe diferença estatisticamente significativa na proporção de desvios por escola.

Figura 5 – Proporção dos desvios do Tipo II por Escola



Fonte: os autores

Antes de se ponderar sobre cada um dos desvios encontrados, é fundamental explicar que o gráfico em questão ilustra a proporção dos desvios do Tipo II encontrados por Escola. É possível checar que os cinco fenômenos mais recorrentes se distribuem de forma proporcional ao longo das três escolas: o apagamento do /R/ em final de verbos do infinitivo na Escola A perfaz o total de 23%, enquanto na Escola B o índice é de 21% e, na escola de menor índice do IDEB, 27%. O mesmo acontece com a neutralização, ditongação, monotongação e aférese. Embora a diferença pareça pequena entre os desvios, essa diferença é estatisticamente significativa ($\chi^2(12) = 29.14$, $p = 0.004$) e o grau de associação é fraco ($v^2 = 0.08$). Isso significa dizer que a proporção dos desvios encontrados varia a depender da escola em que ele foi localizado.

Na pesquisa de Sene (2018), uma das hipóteses era que, de algum modo, o IDEB poderia influir na dispersão dos desvios por Escola, já que questionava se o índice poderia ser um indicativo genérico de que há um diferencial no desempenho dos alunos. O gráfico em questão e o resultado estatístico mostram que, de fato, há uma diferença significativa e o pesquisador então concluiu que essa diferença estaria atribuída ao referido índice. No entanto, de modo geral, o que a pesquisa inicial do referido pesquisador não previu, na ocasião de sua realização, é que existem vários fatores que podem estar influenciando esse resultado. O índice em questão é um recurso interessante, pois mede o desenvolvimento da Educação Básica de todas as escolas, mas este não é o único responsável por este resultado. Para uma confirmação mais robusta, seria importante acrescentar ao índice outras variáveis como o professor (qual a contribuição dele para este resultado), o modo como o material didático é utilizado (o professor vai além do que está disposto no livro), a prática com a modalidade escrita¹⁰ etc.

Essas considerações são importantes para explicar o porquê as análises que serão feitas na sequência não incluem a escola, elas são feitas independentemente se a escola tem ou não um efeito na dispersão dos desvios por escola. Os dados foram

¹⁰ Estas são novas hipóteses a serem desenvolvidas em pesquisas futuras sobre o tema.

amalgamados considerando que a questão do IDEB pode sobrepor outros aspectos importantes não previstos na pesquisa de Sene (2018), de onde estes dados foram retirados.

Diagnose e interpretação dos desvios ortográficos mais frequentes

Dos desvios do Tipo II diagnosticados nas produções escritas dos alunos, o mais recorrente é representado pelo processo fonológico do apagamento do /r/ em posição de coda final de verbos do infinitivo, a saber: comeØ, viajaØ, levaØ, namoraØ, autografaØ etc.

O apagamento do rótico em final de palavra é uma das variáveis que mais sofre flutuações, em especial quando está em posição pós-vocálica e quando são verbos no infinitivo. Oliveira (1999, p. 9) esclarece que, em relação à escrita, “[...] o apagamento do (r) em final de vocábulo altera a estrutura silábica, seja por meio de sua reestruturação ou por meio de sua simplificação. É condicionado por fatores linguísticos e sociais”. Este é um processo que se estendeu a vários estratos sociais, o que o caracteriza, então, como um traço linguístico gradual.

Essa gradualidade do fenômeno explicita o fato dele estar presente nos mais diversos cantos do Brasil, independente do prestígio atribuído a esta forma. Isso fica claro devido à proporção elevada dos desvios no gráfico da Figura 5. Callou, Moraes e Leite (1998) esclarecem que este fenômeno é um processo antigo, já que foi registrado, pela primeira vez, nas peças de Gil Vicente no século XVI. Naquela ocasião, a queda da consoante em questão estava presente na fala das pessoas ditas comuns, mas desprestigiadas, enquanto os portugueses, nas peças em questão, marcavam o /r/ em seu registro, o que apontava para uma postura então prestigiada e culta. Uma outra hipótese a ser explorada seria a natureza do /r/ velar lusitano. Pode ser que este seja um segmento sonoro mais propenso ao apagamento, do que o /r/ glotal e/ou retroflexo, por exemplo.

O outro fenômeno igualmente recorrente é a neutralização. A neutralização do segmento vocálico final é um processo linguístico que, de igual modo ao anterior, constitui um traço gradual por não sofrer forte estigmatização e estar presente, portanto,

na maior parte das comunidades brasileiras – os casos mais frequentes são: sapatu, qui, si, dessi, vontadi, etc.

Esse fenômeno ocorre devido à configuração do sistema vocálico do Português Brasileiro que apresenta altos índices de variação, em especial nos contextos pretônicos e postônicos. A respeito disso, Câmara-Jr (1977) nos apresenta a variedade de timbres das vogais átonas de sete fonemas /i,u,e,ɔ,ɛ,o,a/, que sofrendo neutralização, passa a cinco, quatro e três, dividindo-se em pretônica, postônica não final e postônica final. Na posição pretônica, há perda da distinção entre vogais médias de primeiro grau /ɛ/ e /ɔ/ e as vogais médias de segundo grau /e/ e /o/. No contexto brasileiro, tratando-se da vogal átona final, Câmara-Jr (1977) assegura que a ocorrência do processo de neutralização reduz o sistema vocálico para três vogais /i, u, a/ como nos exemplos fom[ɪ] e ral[u].

Esse fenômeno está recorrentemente associado ao uso irrestrito da internet ou a influência do internetês sobre a modalidade escrita dos alunos. É inegável que a internet possa ser a responsável pela manutenção, mas o processo em questão já foi registrado em português brasileiro muito antes da internet. É importante considerar que, mesmo em ambiente virtual, os hábitos da fala influenciam o modo como se escreve e criam hipóteses para representar o padrão, o que reforça a importância de fazer a diagnose e a interpretação adequada deste fenômeno. Essa interpretação adequada vai esbarrar, então, no fato de que a fonte primária de motivação do referido desvio é a fala e o internetês é só mais um meio em que se pode observar esses hábitos. Este aspecto seria bem diferente se estivéssemos analisando usos como 'vc', 'pq', 'fds'. Essas abreviações são reflexos diretos da internet.

Reconhecer as nuances entre o que é o internetês e o que são hábitos da fala para escrita se torna primordial para que o professor possa balizar os recursos necessários para facilitar o aprendizado do aluno. É válido considerar, desse modo, que este é um fenômeno que aparentemente, devido a sua recorrência, não passa pelo nível de consciência social dos usuários, é pouco saliente. Isso porque ele é o segundo desvio mais frequente nas produções dos alunos e, na modalidade oral, é bastante sutil, dificultando que os falantes tenham consciência de que se trata de uma forma alternativa ao padrão.

No que se refere à ditongação, este é um processo de inserção do glide [y] após a

vogal, formando um ditongo. O processo de ditongação ocorre em palavras que, em sua forma ortográfica, já seguem o padrão silábico do português CVC (consoante, vogal, consoante), mas que devido à fala, por influência dos traços coronais alveolar e dos palatais, há um favorecimento do ditongo (Aquino, 2004). Isso endossa a influência da fala sobre a escrita, dado que o aluno usa dinamicamente a língua na construção de hipóteses do que seria a modalidade escrita e, para isso, vai buscar na modalidade oral respaldo para a representação do padrão esperado. Esse é o caso dos desvios do tipo ‘arroiz’ em que o aluno, na escrita, tende a representar de forma ditongada, considerando o que ele já faz na modalidade oral.

É relevante destacar que este é um fenômeno sociolinguístico variável que também está presente no repertório linguístico de grande parte dos brasileiros e suas respectivas variedades, o que faz deste fenômeno um traço gradual (Bortoni-Ricardo, 2005). No entanto, aqui há uma ressalva importante sobre a avaliação social negativa e a estigmatização das formas linguísticas. No caso da ditongação, existe um caso específico ‘mas’ x ‘mais’ que recebe uma forte estigmatização na rede social, o que pode ser observado por meio de *language mock*, que são memes e vídeos que indexam a ideologia linguística e as reações subjetivas de um determinado grupo a algumas formas linguísticas.

Por fim, o último desvio recorrente identificado nas produções é conhecido como Aférese. Este é um processo fonológico de subtração de um segmento inicial que se manifesta desde o latim. Para Câmara-Jr (2009, p. 49), “na língua Portuguesa, há tendência à aférese da vogal inicial que constitui sílaba simples, por causa da força expiratória que se dá à consoante que começa a sílaba seguinte.” A maioria dos desvios encontrados são aqueles com o verbo “estar”, formando tava, ta, teve, tivéssemos.

Este é um fenômeno que é frequente não só no ambiente virtual, mas também comum na produção oral dos falantes de língua materna. Silva-Neto (1956), em exemplo de língua portuguesa retirado da obra de Padre Lucena, dentre outros do português quinhentista, já havia constatado esse processo em palavras como: aqui > qui, imaginar > maginar, estava > tava. A esse respeito, Bortoni-Ricardo (2004, p. 56) destaca:

classificamos tive como um traço gradual porque a perda – ou aférese – da sílaba inicial es- no verbo estar é um traço generalizado no português brasileiro, especialmente nos estilos não-monitorados. Igualmente a perda do

/r/ final nos infinitivos verbais e nas formas do futuro do subjuntivo é um traço gradual.

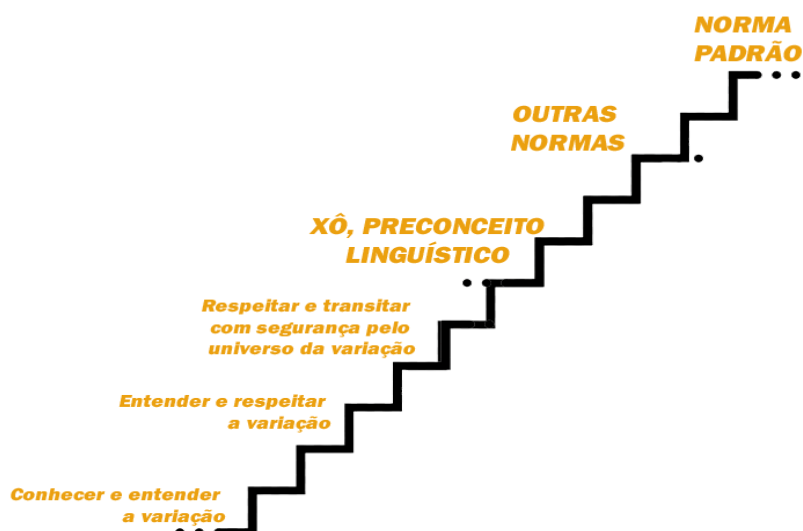
Por ser um traço generalizado no português, conforme coloca a autora, acaba reforçando a importância de um trabalho sistemático entre a influência da oralidade na escrita, bem como o papel da variação linguística no processo de aprimoramento da modalidade escrita da língua. Todos os fenômenos aqui apresentados são potenciais exemplos da língua em uso, dado que, em geral, toda a alteração na forma padrão ortográfica é prevista dentro do sistema linguístico. Não há o apagamento ou a adição de segmentos que altere o carácter distintivo da palavra, afetando a construção de sentido. No caso da aférese, por exemplo, os discentes fazem o apagamento do segmento inicial 'es', para tomar como exemplo a palavra 'está', e mantém o 'tá'. O segmento apagado é uma sílaba átona e, no português, há uma tendência de apagamento dessa sílaba, uma vez que esta, em geral, não compromete o plano semântico, o que indica que esta é uma hipótese interessante que os alunos assumem, baseados em seus repertórios linguísticos, para escreverem a forma padrão esperada.

Nesse sentido, a escola deve divulgar a língua em sua heterogeneidade e promover um ensino daquilo que é o padrão apregoado pela Base Nacional Comum Curricular, por exemplo. No entanto, isso não significa dizer que na medida em que se acresce a dinâmica da variação linguística em todas as práticas escolares, a reflexão gramatical precisa ser abandonada; pelo contrário, o trabalho com a variação linguística não deve excluir a gramática, mas sim ampliar o ensino de língua para discussões críticas quanto a fenômenos gramaticais, com vistas a oportunizar ao educando o conhecimento de normas que irão lhe permitir participação social mais ativa.

A partir dessa visão, surge a razão pela qual a pedagogia da variação linguística (Faraco, 2008, 2020) é importante para o espaço escolar. Afinal, o interesse não está em substituir formas ou valorizar uma em detrimento da outra. A intenção é permitir que os professores possam reconhecer que existem duas formas, aquela definida pelo padrão ortográfico (forma A) e o desvio referente a este padrão (forma B), e elas não são excludentes; A e B existem e coocorrem tanto na modalidade oral quanto na modalidade escrita. Cabe então ao professor garantir aos alunos um trânsito amplo e autônomo pelas duas formas e não se concentrar em uma, como se a língua fosse um objeto

homogêneo. Além disso, cabe à escola “despertar a consciência do aluno para a adequação das formas às circunstâncias do processo de comunicação” (Camacho, 2006, p. 69) e, sobretudo, considerando a influência de uma modalidade para outra.

Figura 6 – Escada de ascensão à norma-padrão



Fonte: Brandão, Sene, Biazolli (2020)¹¹

O professor deve se orientar a partir de uma pedagogia da variação linguística para que oportunize ao aluno alcançar a então norma-padrão como mostra a Figura 6. No estágio inicial, o professor, quando atua a partir da pedagogia da variação, deve **reconhecer e entender a variação** linguística que os alunos trazem para a escola. A partir dessa abordagem, o professor compreenderá como a variação está presente em todos os âmbitos do uso da língua e o seu papel na regulação, por exemplo, de desvios ortográficos. Feito isso, inicia-se o processo em que se **entende e respeita a variação**, no caso dos desvios ortográficos, é o espaço em que o professor deixaria de combater de forma autoritária e taxativa a partir de uma visão normativista os deslizes diagnosticados nas produções escritas dos alunos. A partir disso, passaria a fornecer subsídios para que eles pudessem **transitar com segurança pelo universo da variação**, depreendendo que, embora os desvios apresentados nos textos dos alunos

¹¹ Esta representação, proposta por Brandão, Sene e Biazolli (2020), em live para o canal do Grupo de Estudos Variacionistas (GEVAR), é uma tentativa de materializar as Bases da Pedagogia da Variação Linguística então descritas por Faraco em sua participação na série Abralim Ao Vivo.

sejam reflexos de fenômenos variáveis presentes em seus repertórios linguísticos, estes devem ser devidamente reconhecidos e respeitados, pois são pistas de aprendizados importantes. O papel da escola é permitir que os alunos alcancem normas linguísticas mais prestigiadas, incluindo a norma-padrão. Para isso, a variação linguística deve estar no centro das práticas de ensino de língua portuguesa, uma vez que essa característica é inerente ao sistema linguístico.

Considerações finais

Esta pesquisa propôs a diagnose dos desvios ortográficos encontrados nas redações escolares do Ensino Fundamental II, mais especificamente no 6º ano. O percurso deste estudo apresentou, então, a importância da identificação adequada dos desvios ortográficos presentes nas produções dos alunos, além de se debruçar numa reflexão sobre qual a importância e o papel da variação linguística para além de um simples tópico no componente curricular e no livro didático.

Foi possível refletir sobre como os desvios ortográficos são pistas linguísticas importantes para o reconhecimento da competência sociolinguística do aluno, sem contar que atuam como pistas de aprendizagem, dado que, a depender do desvio ortográfico apresentado, este pode ser ou não reflexo de uso variável gradual ou descontínuo. A partir desse reconhecimento, o professor pode mobilizar um conhecimento necessário para que o aluno supere suas dificuldades ortográficas. Também foi possível depreender de que modo a pedagogia da variação linguística é o melhor caminho para um ensino de língua reflexivo e consciente, dado que ele parte “da língua – da linguagem – para o padrão (isto é, do uso para a norma) e não do padrão para a linguagem e para a língua, que é o que numa visão acrítica se tem feito” (Neves, 2014, p. 22).

É inegável que a escrita precisa ser unificada no que se refere à ortografia, pois caso contrário todos estariam livres para escrever como quisessem ou entendessem as palavras. No entanto, isso não implica dizer que não se deve trabalhar a ortografia de um ponto de vista variável, buscando reconhecer que, em alguns contextos, inovações na forma de comunicação ortográfica são não só bem-vindas, mas desejáveis. Além disso, o ponto-chave para desenvolver o ensino da escrita e, conseqüentemente, da

ortografia sob à luz da Sociolinguística, é ponderar e mostrar aos alunos que é na modalidade que você mais tem familiaridade (a fala) que você busca hipóteses de representar a escrita. Com isso, é natural que os fenômenos variáveis graduais, por estarem presentes no falar de todos, também sejam transpostos para a escrita, o que justifica a utilização de preceitos sociolinguísticos no trabalho com a modalidade escrita.

Referências

- AQUINO, M. F. S. Uso variável do ditongo em contexto de sibilante. *In*: HORA, D. *Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade*. Santa Maria: Pallotti, p. 45–54, 2004.
- BAGNO, M. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. São Paulo: Parábola, 2007.
- BARONAS, J. E. A. Marcas de oralidade no texto escrito. *Signum: Est. Ling.*, Londrina, v. 12, n. 1, p. 15-32, jul. 2009. Disponível em: Acesso em: 22 dez. 2023.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola, 2004.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *Nós chegemu na escola e agora?: sociolinguística & educação*. São Paulo: Parábola, 2005. v. 11.
- BORTONI-RICARDO, S. M. O estatuto do erro na língua oral e na língua escrita. *In*: GORSKI, E. M.; COELHO, I. L. (org.) *Sociolinguística e ensino: contribuições para a formação do professor de língua*. Florianópolis: Ed. da UFSC. 2006.
- BRANDÃO, S.; BIAZOLLI, C.; SENE, M. G. PRECONCEITO LINGUÍSTICO DENTRO E FORA DA REDE: o projeto, a construção dos corpora e os resultados preliminares. *Revista Falange Miúda*, v. 5, n. 2, 2020. Disponível em: Acesso em: 22 dez. 2023.
- CAGLIARI, L. C. *Alfabetização sem o ba-be-bi-bo-bu*. São Paulo. Scipione, 1999.
- CAGLIARI, L. C. *Alfabetização e linguística*. São Paulo: Scipione, 2002.
- CALLOU, D.; MORAES, J.; LEITE, Y. Apagamento do r final no dialeto carioca: um estudo em tempo aparente e em tempo real. *DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, SciELO Brasil, v. 14, n. SPE, p. 00–00, 1998. Disponível em: Acesso em: 22 dez. 2023.
- CÂMARA-JR, J. M. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.

CÂMARA-JR, J. M. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 44.ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

CAMACHO, R. G. Sociolinguística: parte II. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. v. 1. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2006. p. 49-75.

CARRAHER, T. N. *Exploração sobre o desenvolvimento da ortografia em português*. Isto se aprende com o ciclo básico. São Paulo: SE/CENP, 1990.

ERICKSON, F. Transformation and school success: The politics and culture of educational achievement. *Anthropology & Education Quarterly*, Wiley Online Library, v. 18, n. 4, 1987. Disponível em: Acesso em: 22 dez. 2023.

FARACO, C. A. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola, 2008.

FARACO, C. A. Bases para uma pedagogia da variação linguística. Conferência apresentada em 2020. 1 vídeo (1h 9 min 15s). *Publicado pelo canal da Associação Brasileira de Linguística*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3kS-RHie0Zw&feature=emb_title. Acesso em: 08 fev 2022.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. 1972.

LOPES, E. *Fundamentos da linguística contemporânea*. 18. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2007

MOREIRA, F. P. *Variação linguística, oralidade e desvios de ortografia em textos de alunos do 6. ano do Ensino Fundamental de Uberaba-MG*. 2018. 177f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Letras, Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba, 2018. Disponível em: <http://bdtd.uftm.edu.br/handle/tede/572>. Acesso em: 22 dez. 2023.

MIKAELA-ROBERTO, T. G. *Fonologia, Fonética e Ensino: guia introdutório*. São Paulo: Parábola Editorial, 2016.

NEVES, M. H. de M. *Que gramática estudar na escola?* 4. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

OLIVEIRA, J. M. de. *O apagamento do /R/ implosivo na norma culta de Salvador*. Tese (Doutorado) — Dissertação (Mestrado em Letras) — Instituto de Letras/Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1999. Disponível em: https://oasisbr.ibict.br/vufind/Record/BRCRIS_1f6122c86426b239cd4c01549c3ecc5b. Acesso em: 22 dez. 2023.

R CORE TEAM: *A language and environment for statistical computing*. R Foundation for Statistical Computing. 2020

SILVA-NETO, S. *Fontes do latim vulgar*. O Appendix Probi, Rio de Janeiro (3a), 1956.

SEARA, I. C.; NUNES, V. G.; LAZZAROTTO-VOLCÃO, C. *Fonética e Fonologia do Português Brasileiro: 2º Período*. – Florianópolis: LV/CCE/UFSC, 2011.

SENE, M. G. *Desvios ortográficos em textos de alunos do ensino fundamental II de Uberaba II*. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Letras Português/Inglês) Universidade Federal do Triângulo Mineiro, Uberaba.

SENE, M. G. *Os desvios ortográficos de redações escolares do Ensino Fundamental II: descrição, análise e atitudes linguísticas dos professores*. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa). Universidade Estadual Paulista – Júlio de Mesquita Filho. 174f. 2018.

SENE, M. G.; SANDES, E. I. A. Análise de alguns traços fonológicos graduais na escrita sob a perspectiva da sociolinguística educacional. *REVISTA ENTRELÍNGUAS*, v. 6, p. 141-156, 2020. DOI: [10.29051/el.v6i1.13326](https://doi.org/10.29051/el.v6i1.13326). Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/entrelinguas/article/view/13326> Acesso em: 22 dez. 2023.

SENE, M. G.; BARBOSA, J. B. Quando a oralidade chega à escrita: discutindo os desvios ortográficos em textos do Ensino Fundamental II de Uberaba/MG. *A Cor das Letras*, v. 19, n. 3, p. 7–26, 2019. DOI: 10.13102/cl.v19i3.4340. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/4340>. Acesso em: 10 nov. 2021.

SENE, M. G.. Variação fonológica e ensino: descrição e análise de desvios ortográficos de alunos do Ensino Fundamental II. In: Natália Cristine Prado; Fábio Pereira Couto. (Org.). *Fonologia e suas interfaces: contribuições para pesquisa, descrição e ensino de línguas*. 1. ed. Porto Velho - Rondônia: Editora da Universidade Federal de Rondônia, 2023, v. 1, p. 59-82.

Recebido em: 05 out. 2023.
Aprovado em: 26 dez. 2023.

Revisora de língua portuguesa: Vivian Campagnolli Bergantini Saviolli
Revisor de língua inglesa: Renan William Silva de Deus
Revisora de língua espanhola: Juliana Moratto